

SILVIANO SANTIAGO E A AMIZADE POLÍTICA: FICCIONALIZAR É TEORIZAR

Pedro Henrique Alves de Medeiros
Edgar César Nolasco

RESUMO: Este texto propõe o olhar da crítica biográfica fronteira na ficção romanesca de Silviano Santiago, sobretudo, na obra *Mil rosas roubadas* (2014). Sendo assim, pretende-se trabalhar a perspectiva ficcional de Santiago aquilatada na formação de seu perfil intelectual biográfico além de questões biográficas pertinentes à herança, à (auto)biografia e à amizade que é tanto da ordem do distanciamento, quanto da proximidade. Para isso, nos utilizaremos do recorte epistemológico engendrado pela crítica biográfica fronteira à luz de Edgar César Nolasco em *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza* (2014) e “Políticas da crítica biográfica” (2010), de Eneida Maria de Souza em *Janelas indiscretas* (2011), “Teorizar é metaforizar” (2010) e *Crítica cult* (2002), de Francisco Ortega em *Para uma política da amizade* (2000) e Jacques Derrida em *Políticas da amizade* (2003).

PALAVRAS-CHAVE: (auto)biografia; romance; amizade; crítica biográfica fronteira.

1 A metáfora de (re)contar uma vida

[...] penetro no buraco escuro. Vendo minha sombra a meus pés se fundir nas trevas, tenho a impressão de estar mergulhando numa água gelada.”
(SARTRE, 2011, p. 42)

Discutir e teorizar sobre um dos maiores críticos e escritores brasileiros contemporâneos não é uma proposição de caráter simplório. Exige muito daquele que se dispõe a enveredar a ficção labiríntica (auto)ficcional de Silviano Santiago. Nesse sentido, a epígrafe que abre este texto faz-se autoexplicativa, pois, através das minhas sensibilidades de sujeito que lê e pensa de um lócus fronteira, a imersão em uma literatura circunscrita por vários “eus” assemelha-se a um mergulho em águas frias, deslocando-me do conforto crítico. Assumo a posição de *sujeito suposto saber* que se propõe desvendar os segredos de outrem.

Leio, penso, falo e produzo a partir de um lugar específico, tanto territorial, quanto, sobretudo, epistemológico: a fronteira-Sul. Um ambiente marcado por aproximações, mas, principalmente, por afastamentos. Situo-me em Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul, fronteira com países limítrofes: Paraguai e Bolívia. Assim sendo, minha leitura é totalmente atravessada por esse lócus extrínseco aos eixos culturais dominantes. No Brasil, São Paulo x Rio de Janeiro e estrangeiro, Europa x Estados Unidos.

O olhar que erijo à ficção de Santiago está sob o crivo de uma epistemologia outra, a qual se fundamenta no distanciamento de binarismos e na não (re)produção de conceitos modernos e estetizantes (literatura/não literatura, bom/ruim). A visada está diretamente relacionada ao meu biolócus (*bios* + lócus), minhas sensibilidades locais são substanciais para sustentar meu discurso epistêmico. Segundo Edgar César Nolasco:

Para um discurso crítico que se situa nas fronteiras dos saberes críticos conceituais dos centros como o que postulo aqui, saber que tal articulação periférica deve passar por fora de qualquer dualidade crítica redutora é tão importante quanto reconhecer que o surgimento e a articulação de uma crítica pós-colonial na fronteira passa pelas “sensibilidades locais” (MIGNOLO) ou sensibilidades biográficas de todos os envolvidos na ação. Foi por priorizar isso que procurei agregar, ao recorte epistemológico pós-colonial, uma abordagem da crítica biográfica brasileira (SOUZA), bem como não descartar a importância de uma delimitação territorial [...] (NOLASCO, 2013, p. 15)

À luz do pensamento de Nolasco, é válido pontuar que a articulação teórica a qual me proponho é substancialmente cultural. Há a expansão do modo como se lê a literatura. Se antes, a visada analítica era sumariamente binária, linguística e estetizante. Agora, sob o crivo das minhas sensibilidades biográficas, opera-se a metáfora. A leitura metafórica e transdisciplinar é uma das principais características do recorte epistemológico o qual me utilizo. Eneida Maria de Souza em *Crítica cult* (2002) afirma:

[...] contribui para a diluição de fronteiras disciplinares quanto para a exploração de narrativas ficcionais com valor enunciativos e como procedimento de escrita. O objeto literário deixa de ser privilégio da crítica literária e se expande para outras áreas, numa demonstração de estar a literatura se libertando das amarras de um espaço que a confinaria para sempre no âmbito das *belles-letters*. (SOUZA, 2002, p. 115)

Sendo assim, em *Mil rosas roubadas* (2014), do escritor brasileiro Silviano Santiago, há a narrativa da amizade entre Silviano e Zeca. A partir do clube de cinema aos sábados e de encontros espontâneos pela grande Belo Horizonte, ambos os rapazes desencadeiam um relacionamento que é, partindo de uma visada derridiana, altamente política. Ao passo que a aproximação entre os jovens vai se estabelecendo, o distanciamento é sempre latente. Pois, só a partir dele, que Zeca e Santiago podem ser críticos um com o outro.

O confronto, a discussão e o desacordo são situações (re)correntes nos relacionamentos entre os amigos. Dessa forma, tais comportamentos trazem à tona discussões acerca do conceito de amizade. Em discursos cotidianos esse tipo de relação social se funda na cordialidade, na fraternidade, na não-crítica e no acordo: sempre. Entretanto, atravessada por uma visada filosófica proposta por Jacques Derrida, a amizade se dá através do distanciamento que, por sua vez, é altamente político e jamais fraterno.

Derrida, sob a ótica do conceito de amizade extrínseco à fraternidade, o define como *revolução do político; uma revolução sísmica no conceito político de amizade herdado*. Isto é, há o mito social de que a amizade está associada apenas às noções fraternalistas e comodistas; contudo, Derrida desloca tal crença, visto que não há como falar de amizade sem passar pela perspectiva do político – relações sociais pressupõem

política. A partir disso, no romance *Mil rosas roubadas*, há uma *teorização* da amizade através da articulação ficcional de Santiago:

Demonstrava coragem suficiente para afirmar – diante de possível e inconveniente ruptura na amizade – que a discórdia entre amigos não deve ser considerada como algo de estranho à expansão infinita dos sentimentos fraternos. Aliás, acrescentava que, no terreno apimentado dos afetos, há sempre que abrir espaço para os desentendimentos passageiros e profundos. (SANTIAGO, 2014, p. 215)

Há a proposição de uma amizade política imbricada pelas tensões, contradições: fatores que não anulariam as diferenças entre os amigos. Assim, Francisco Ortega, relendo os pensamentos nietzschianos, critica a postura dos bons amigos: aqueles que sempre se posicionam a favor do amigo e nunca estabelecem críticas, fortalecendo, desse modo, o caráter uno do ser – uma unidade identitária. A amizade enriquece-se quando há a transformação, o agonismo, o desenvolvimento das diferenças, podendo funcionar como uma unidade de aperfeiçoamento: uma *ascese*.

Porém, tomar como base uma amizade agonística, transformadora, não quer dizer que esta estará sempre atravessada pelo conflito, pelo dissenso. O que se deve estabelecer é o questionamento. As relações em que não há o questionamento, pouco se fazem transformadoras. Pretende-se fugir da noção canônica de amizade enquanto consensual, acrítica e consolidada pela conformidade. Por estar engendrada sob um viés político, o caráter transformacional, deve fazer-se presente:

Uma nova noção de amizade iria contra o ideal clássico (aristotélico-ciceroniano) da amizade, entendida como “igualdade e concordância”; pois, no amigo, não devemos procurar uma adesão incondicional, mas uma *incitação, uma desafio para nos transformarmos*. Tratar-se-ia de sermos capazes de viver uma amizade cheia de contradições e tensões, que permitisse um determinado agonismo e que não pretendesse anular as diferenças. [...] Nietzsche critica os “bons amigos”, que sempre dizem o que queremos escutar, sempre concordam [...] Esses amigos são “preguiçosos em excesso, pois, na condição de amigos, acreditam ter direito à comodida”. (ORTEGA, 2000, p. 90)

A escrita de Silviano Santiago em *Mil rosas roubadas* articula-se na diluição das fronteiras entre teoria e ficção, na medida em que, ao narrar sua história com o amigo e “biógrafo” Zeca, o escritor engendra uma teorização da amizade à luz dos postulados derridianos. Tanto os comportamentos dos amigos entre si, quanto as digressões que o narrador possui, caminham para uma teoria da amizade sustentada por pilares ficcionais.

Segundo o professor e crítico Edgar César Nolasco, no texto “Políticas da crítica biográfica”, *as vidas se complementam na diferença*. O autor, ao tecer tal consideração,

referia-se ao elo crítico-objeto. Contudo, na discussão crítica proposta neste texto, a citação se mostra muito pertinente, visto que as vidas de Santiago e Zeca se aproximavam e se complementavam, por excelência e, substancialmente, na diferença.

A diferença é essencial para se pensar a semelhança. Os sujeitos amigos se mostravam totalmente distintos entre si; todavia, tal contraponto é pujante para que exista a correspondência entre ambos. Enquanto um é mais recluso e até ríspido (em alguns momentos), o outro é mais comunicativo e sentimentalesco. Esses posicionamentos acerca do *bios* dos personagens se entrelaçam no labirinto teórico-ficcional proposto por Silvano Santiago no romance (auto)biográfico *Mil rosas roubadas*:

Ao narrar apressadamente detalhe original de seu temperamento, não consigo desvincilhar-me, desgrudar-me do meu próprio temperamento, que lhe era oposto na falta de singularidade. Não adianta mais tergiversar. Somos o que somos porque nos tornamos um. A admiração é a negação da solidão irremediável a que cada um de nós está condenado. [...] Zeca me aprontava para o exercício pleno da vida como oportunidade, enquanto eu, mais recatado e menos incisivo, mais douto e menos atrevido, o municiava de novas e preciosas informações para a escrita artística da vida. (SANTIAGO, 2014, p. 53)

Na esteira da citação supracitada, podemos identificar que ao narrar o temperamento do amigo, Silvano não consegue desvincular-se do seu. Logo, ao falar do outro, o escritor cumpre o papel de falar de si – utilizo-me da rubrica “escritor” por estar tecendo uma leitura metafórica da obra. Em diversos momentos da escrita ficcional-teórica do mineiro, a proposta de narrar a vida do outro derrapa e esbarra no caráter (auto)biográfico. Eneida Maria de Souza em *Janelas indiscretas* afirma: “No caminho tortuoso da autoficção – a fabulação autobiográfica – o escritor embaralha as pessoas do discurso, finge falar do outro para falar de si, ou mesmo que se coloque especularmente no texto, se comporta de modo distanciado, irônico e oblíquo.” (SOUZA, 2011, p. 182)

Da mesma maneira em que Silvano Santiago se propõe a relatar a amizade com Zeca, focando na vida do amigo e suposto biógrafo, a todo momento há a (auto)biografia do autor mineiro latente no romance. Os limites entre as esferas ficcionais e teóricas são diluídas assim como as barreiras entre o que é da ordem do outro e o que é da competência de si mesmo. A característica de transpor fronteiras discursivas é algo comum na escrita de Silvano Santiago. Mesclam-se teorias e ficções ou até biografia e autobiografia que dão suporte para uma leitura transdisciplinar, metafórica e cultural como a que proponho. Com base em *Mil rosas roubadas*:

Em matéria de biografia, a busca de objetividade só é insuspeita por parte de quem a escreve. A opção (inconsciente? presunçosa? deletéria? – apostem suas fichas, senhores e senhoras) pela subjetividade realça apenas a sinceridade, ou a autenticidade do relato autobiográfico que este historiador assim como biográfico. Confesso. O relato que lêem pouco alimenta a arte da biografia, cujos parâmetros de confiabilidade estão no ato de o escritor se deixar armar e se desdobrar em dois e em muitos pela vontade de retratar o outro na sua singularidade (SANTIAGO, 2014, p. 141)

Há um constante deslize biográfico em que Santiago tenta se deter à vida do outro, mas que a todo momento retorna ao seu *bios*. A imagem de si é enxergada no reflexo do outro. Por uma suposição de caráter óbvio, explicitar a vida de um amor ou de um amigo é realizada sob o crivo da nossa imagem. Entretanto, o escritor mineiro vai além, tornando a escrita biográfica relacionada a Zeca uma (auto)biografia literária e sumariamente teórica. As digressões do personagem são possibilidades de teorizações acerca das relações humanas e, especificamente, sobre amizade:

A escrita biográfica não comporta balbucio nem titubeio. Seu exercício flui naturalmente do próprio sangue de quem escreve. Inunda o coração, deságua na mente e, ao bater à porta das teclas do computador, já delegou às mãos o direito ao julgamento peremptório. (SANTIAGO, 2014, p. 67)

Diante desse cenário de biografias e (auto)biografias, o leitor pode se questionar até que ponto a realidade e a ficção se encontram opostas. Em que lugar está fronteira entre esses polos. No entanto, se lembrarmos a perspectiva não binária citada anteriormente, a qual a leitura crítica deste texto se vale, tais diferenciações não são essenciais para o debate. Pois, segundo preceitos da crítica biográfica, há a problematização das diferenciações entre esses “antagonismos” e, a partir de uma leitura metafórica, a proposição realidade/ficção não é pertinente:

Diante da abertura teórica instaurada pelas abordagens contemporâneas, os limites entre os territórios disciplinares são enfraquecidos, provocando o questionamento dos lugares produtores de saber, assim como dos conceitos operatórios responsáveis pela produção de paradigmas e de metodologias críticas. A crítica biográfica, por sua natureza compósita, englobando a relação complexa entre obra e autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos exclusivos, por meio da construção de pontes metafóricas entre fato e ficção. (SOUZA, 2002, p. 111)

Sob a percepção cultural e das pontes metafóricas, ganha-se teoricamente quando a leitura não é dualista. A leitura horizontal é um avanço no modo de ser ler literatura. Reforça-se que o texto literário não é mais objeto unicamente da crítica literária. Houve a diluição das barreiras transdisciplinares e o que é da competência real ou ficcional não

se apoia mais em preceitos sólidos. As metáforas entre fato e ficção permitem maior liberdade ao crítico em seu exercício teórico.

Segundo Nolasco, em “Políticas da crítica biográfica”, existem razões de princípio e as razões do coração que seriam “[...] as amizades pessoais, a escolha, a dívida, a transferência, a herança, a recepção, a vida, as paixões, o arquivo, a morte, a experiência, as leituras [...]” (NOLASCO, 2010, p. 36). Nessa óptica, o romance *Mil rosas roubadas* está aquilatado de maneira substancial em questões do coração. Há a transferência entre os amigos, a vida no ápice da subjetividade, a dívida que um sujeito tem para com o outro e, essencialmente, a morte. A morte de Zeca ressoa por toda a narrativa, pois é a partir dela que tudo se desenvolve. O motivo de Santiago escrever a biografia, que, no fim, é uma (auto)biografia, se apoia, com solidez, na morte do amigo.

Ainda sob a égide das razões do coração, há uma herança que permeia a relação entre os amigos. O romance inicia-se após a morte de Zeca, até então, biógrafo de Santiago. Assim, ao ser afligido por uma doença e ir a óbito, o papel de escrever a biografia inverte-se. Nesse caso, o amigo em vida se propõe a fazer a biografia daquele que morreu. É nessa tentativa que há constantes derrapagens na (auto)biografia por parte do autor mineiro. Há uma vontade explícita por parte de Santiago de ser biografado que, por artifício da escrita ficcional, tenha sido, momentaneamente, efetivada .

O que Santiago faz é se utilizar da herança deixada pelo amigo revitalizando-a. O autor não apenas a aceita, mas a mantém viva através da escrita. Nolasco afirma: “Não se trata somente de aceitar tal herança escolhida, mas de mantê-la viva no presente. Não escolhemos essa ou aquela herança; antes é ela que nos escolhe [...]” (NOLASCO, 2010, p. 37) E é justamente o que Santiago fez, manteve a imagem de Zeca viva a partir da construção de uma (auto)biografia criada. O escritor mineiro, ao se propor a narrar e trabalhar a outra de outrem, vive aquela vida que se complementa na diferença:

Na verdade, quem sou eu a escrever esta biografia? [...] A escrita só está sendo minha – ou passou a ser minha a partir da luta de boxe entre a imaginação e a razão – porque detenho amigavelmente a posse da biografia do amigo querido. [...] Do ponto de vista estrito do modo de organizar a vida e de direcioná-la, nós dois éramos irmãos inimigos. [...] Eu costumo usar calça de tropical e camisa social. Ele só usava jeans e T-shirt com dizer escandaloso estampado ou desenho um tanto obsceno. Sou professor, ele artista. Agora, o professor veste calça jeans e T-shirt com desenho um tanto obsceno. E toca o barco. (SANTIAGO, 2014, p. 173-174)

Dessa forma, assim como os *bios* dos amigos Zeca e Santiago se entrelaçam na diferença, meu *bios* enquanto crítico e pesquisador do autor mineiro é latente na leitura que erijo do meu objeto de pesquisa. Teorizar acerca da vida de Silviano Santiago, tratá-la demoradamente, inscreve em uma admiração crítica latente na qual seu *bios* encontra-se com o meu de crítico. Nessa lógica, utilizo-me de Souza para sustentar essa percepção: “[...] difícil tarefa de falar de si através do outro [...]” (SOUZA, 2011, p. 181)

Como discutido anteriormente em relação à amizade de Zeca e Santiago, não há como falar de outrem, sem passar pelo crivo do próprio “eu”. Essa relação não se diferencia quando pensamos no tratamento crítico biográfico-objeto. Em síntese, eu, enquanto sujeito crítico que penso a partir da fronteira, epistemológica e territorial, erijo uma leitura acerca do escritor mineiro. Consequentemente, meu *bios* está aquilatado em toda a discussão. Falo de mim através do recurso metafórico e biográfico proporcionado pela crítica biográfica.

O que sustenta essa possibilidade é o distanciamento dos binarismos já citados anteriormente; a leitura se dá através da horizontalidade em que “análises” estruturais e estritamente linguísticas são empobrecedoras. A reflexão crítico-biográfica oriunda da cultura permite o estabelecimento de pontes metafóricas não só entre fato e ficção no âmbito do autor, mas também do crítico que se propõe a investigar a vida do outro. Em “Teorizar é metaforizar” Souza pontua:

O estatuto paradoxal da teoria – e da literatura – investe-se contra o raciocínio binário e exclusivo das definições, dilui a separação entre polos considerados distintos, como ficção e teoria, arte e ciência, obra e vida, com vistas a redimensioná-los e repensá-los. A proposta teórica defendida por grande parte dos estudiosos não se restringe a escolher um objeto único, mas se dispersa em outros de igual importância para o estabelecimento de redes comparativas e interdisciplinares. (SOUZA, 2016, p. 217)

Sendo assim, a rede de possibilidades é vasta e multifacetada. Da mesma maneira como Santiago foi herdeiro de Zeca, eu, enquanto leitor e crítico do mineiro, também me faço herdeiro. Meu exercício crítico é atravessado pelas relações transferenciais entre a minha vida e a de Silviano Santiago. Como exposto no início deste texto, encontro-me na posição de *sujeito suposto saber* o qual investiga e teoriza acerca da vida de Santiago e, consequentemente, de sua literatura.

Por fim, segundo Nolasco, tratar criticamente da vida de outrem é encontrar-se em constante análise. Na condição de *sujeito suposto saber* e à luz do olhar metafórico, eu

invento, descubro e desvendo a vida de Silviano Santiago como se esta fosse minha. Invado-a, decifro-a, teorizo-a.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013.

NOLASCO, Edgar César. Políticas da crítica biográfica. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIIS: crítica biográfica*. v. 2, n. 4 Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 35-50.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SANTIAGO, Silviano. *Mil rosas roubadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. *A náusea*. Trad. de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. Teorizar é metaforizar. In: CECHINEL, André (org.). *O lugar da teoria literária*. Criciúma: Ediunesc, 2016 p. 217-224.